

Neymar e seu futebol em poesia como destino da obra “Veneno remédio”, de José Miguel Wisnik¹

Fernando de Moraes Franco NUNES²

José Carlos MARQUES³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

RESUMO

A partir do diálogo de José Miguel Wisnik com a dicotomia entre *futebol em prosa* e *futebol em poesia* proposta por Pier Paolo Pasolini, este trabalho propõe inserir o jogador Neymar (de surgimento posterior ao ensaio *Veneno remédio*) nessas reflexões, baseado em fragmentos deixados pelo próprio Wisnik, anos depois de sua obra (em entrevistas, artigos e aulas), sobre o atleta pelo qual tem entusiasmo confesso como um “herdeiro da tradição brasileira do futebol de poesia”.

PALAVRAS-CHAVE: Neymar; futebol; futebol poesia; Veneno remédio; Wisnik.

INTRODUÇÃO

Publicado em 2008, o livro *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, de José Miguel Wisnik (professor de literatura da Universidade de São Paulo), segue aclamado como uma das mais relevantes contribuições acadêmicas à interpretação do futebol. Nele, expõe um rico espectro de relações com esse esporte, e o faz a partir da prática em si, do tecido que é tramado dentro do campo de jogo. Logo no primeiro capítulo, as *Preliminares*, Wisnik conta que foi despertado a pensar o futebol quando, no início dos anos 1980, conheceu o artigo do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, escrito em 1971⁴, que coloca em oposição o *futebol em prosa* (cuja organização coletiva resulta em gol) e o *futebol em poesia* (do drible, da individualidade que pode inventar um gol). Sob o impacto da recém-disputada

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Faac/Unesp) e graduado em Jornalismo pela mesma instituição, e-mail: fmf.nunes@unesp.br.

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências Humanas da Faac/Unesp. Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), e-mail: jose.marques@unesp.br.

⁴ “Il calcio ‘è’ un linguaggio com i suoi poeti e psatori”, publicado no jornal *Il Giorno* em 3 jan. 1971, e em versão traduzida, sob o título “O gol fatal”, em 6 mar. 2005 no caderno Mais da *Folha de S.Paulo*.

Copa do Mundo no ano anterior, no México, Pasolini finaliza o texto concluindo que “a prosa estetizante italiana foi batida pela poesia brasileira”, delimitando ali os estilos europeu e latino-americano a partir de uma analogia do futebol como linguagem. Apesar de não mencionados pelo cineasta à época, pode-se compreender os africanos mais à *poesia*.

Em seu artigo, Pasolini enfatiza, mais de uma vez, não fazer distinção de valor entre a *prosa* e a *poesia*. Para ele, são dois caminhos para desaguar em seu objetivo, o gol, que é “necessariamente poético” — que Wisnik interpreta como “o momento e o lugar em que a diferença entre a prosa e a poesia se desfaz”⁵. Apesar de considerar um contraponto datado, que encontrou naquele Brasil x Itália de 1970 o “apogeu do futebol-arte”, Wisnik considera o esquema de Pasolini:

[...] “um modelo simples e estimulante para comentar, mesmo quando pelo avesso, as transformações do futebol durante esses tempos e a insistente natureza *elíptica* do futebol brasileiro — sua ancestral compulsão a driblar a linearidade do esporte britânico” (WISNIK, 2008, p.14).

Pelas transformações, compreende-se a internacionalização do futebol que turvou essa oposição *prosa e poesia* — ou a mesclou, e a seleção francesa campeã do mundo de 2018, com seus principais jogadores de ascendência africana (Mbappé, filho de um camaronês e uma argelina; Kanté, de pais malineses), pode ser um bom exemplo. Pela insistência brasileira pelo drible, chegamos a Neymar, um personagem surgido depois do lançamento de *Veneno Remédio* — fosse antes, o índice remissivo acusaria muitas menções. E se emprestarmos os estilos de Pasolini para o aspecto individual, Wisnik confia ao “talento individual *elíptico*” (ao *poeta*, portanto) o destino do futebol criativo, como veremos a seguir.

De Robinho a Neymar

Wisnik identificou no cineasta Pasolini um indisfarçável “entusiasmo de artista pelo futebol-arte”⁶ e ele mesmo, em *Veneno remédio*, deixou cristalina sua relação sentimental com o futebol e apontou o Santos de Diego e Robinho (campeão brasileiro

⁵ WISNIK, 2008, p. 117.

⁶ WISNIK, 2008, p. 116.

de 2002) como ânimo propulsor da obra, escrita entre 2003 e 2007 — evidenciando, assim, também sua predileção pela *poesia* futebolística. E atribuiu especialmente a Robinho (nascido e crescido em São Vicente, na Baixada Santista, como ele) um fardo:

“O fato de Robinho renovar como ninguém, nos últimos tempos, a perspectiva de um futebol criativo no Brasil fez que eu jogasse no destino dele, instintivamente, o destino do meu próprio assunto neste livro, que as provações e trapalhadas da Copa de 2006 acabaram por deixar suspenso”. (WISNIK, 2008, p. 41).

A partir deste ponto, manifestações de Wisnik em diferentes ocasiões e plataformas nos levarão ao caminho do gol. A começar pelo desalento que contrastava com o entusiasmo por Robinho:

“Quando eu fui escrever o livro, eu tinha uma sensação de que o futebol estivesse acabando. Que houvesse uma coisa de esgotamento, que, no entanto, não se confirmou. Poderia ser que eu estivesse falando daquele fenômeno de uma luz de uma estrela extinta. Não é, apesar da enorme capitalização. Foi a tese de fundo do livro”. (KFOURI, J; BERTONI E., 2013).

Nesta entrevista à *Folha de S.Paulo*, em 2013⁷, Wisnik recupera o entusiasmo a partir do que considera um renascimento das cinzas do “timbre inventivo” da seleção brasileira (que representa o *futebol em poesia* cunhado por Pasolini). Naquele time, campeão da Copa das Confederações vencendo a Espanha (então campeã do mundo) por 3 a 0, no Maracanã, já brilhava Neymar, recebendo o bastão de Robinho, principal jogador brasileiro no mundial anterior, em 2010. Apesar de ter construído uma carreira de destaque, com passagem por grandes clubes, títulos conquistados e duas Copas do Mundo disputadas (e também uma enorme mácula, pela condenação por estupro na Itália), Robinho foi apenas o condutor provisório do destino traçado por Wisnik. “Considero que Robinho é o São João Batista do Neymar. Ele anuncia um outro. O Neymar veio a ser o que eu estava dizendo do Robinho”⁸.

E o que Wisnik disse sobre Robinho, em *Veneno remédio?*

“[...] enriquecia o tecido do jogo e produzia centelhas de surpresa e de promessa a cada vez que entrava”; [...] eletrizava e magnetizava o jogo

⁷ Entrevista a Juca Kfour e Estevão Bertoni, na Folha de S.Paulo, 17 nov. 2013.

⁸ Entrevista a Uirá Machado, no podcast *Ilustríssima conversa*, 4 jul. 2018.

contaminando os seus fluxos: sendo o jogador que mais lembra, no raio eletrizante do drible, o futebol antigo e certos instantâneos de Pelé; [...] é a um só tempo o mais antigo e o mais moderno dos atacantes brasileiros em atividade; [...] Em suma, a chave secreta do momento pelo qual o futebol brasileiro deveria se reencontrar consigo mesmo em contexto contemporâneo.” (WISNIK, 2008, p. 393)

Palavras que, transportadas para 2021 (ou mesmo desde que estreou na seleção brasileira, em 2010), fariam muito sentido se atribuídas a Neymar. Mas o jogador, que iniciou a carreira profissional em 2009, um ano depois do lançamento do livro, ganhou posteriormente de Wisnik sua própria definição:

“Neymar, apesar de tudo o que a gente imagina que não haja mais espaço para o futebol de poesia, é claramente um jogador que vem da tradição brasileira do futebol de poesia, da criação do estilo das elipses. É uma espécie de permanência, intrigante até, curiosa, e nesse sentido extremamente importante de se notar esse fato. Uma das perguntas que se coloca é: qual o destino desse talento individual elíptico, da criação de beleza, num futebol altamente prosificado (além de mercantilizado)?” (WISNIK, 2014)⁹

Como essa há outras tantas declarações que revelam o entusiasmo de Wisnik pelo futebol *poético* de Neymar (nascido em Mogi das Cruzes, mas igualmente criado em São Vicente...), que podem ser apresentadas cronologicamente, mostrando o percurso do jogador carregando o destino a ele “confiado”.

Neymar, um Baudelaire

Fiel à admiração pelo “mote pasoliniano” e, conseqüentemente, pelo *futebol em poesia*, Wisnik não hesitou, em 2011, em classificar Neymar como *poeta* da bola:

“Hoje em dia, claro que o futebol está mercantilizado, planejado, mas Neymar é um poeta, um Baudelaire¹⁰ [risos]. Neymar é um grafiteiro, um pichador de poemas nas paredes. Aquele cabelo, o modo como ele levanta a gola, tudo aquilo faz parte de uma performance poética. O jogo entre Santos e Flamengo, no qual o Flamengo ganhou de cinco a quatro do Santos, aquilo foi uma explosão de poesia.” (BORGES, 2011)¹¹

⁹ Aula ministrada na Escola da Cidade em 7 mai. 2014 e disponibilizada posteriormente no YouTube, 25 jul. 2014.

¹⁰ Charles Baudelaire, poeta francês que viveu no século XIX, marcado pela boemia e pela fundação da poesia moderna.

¹¹ Entrevista a Kátia Borges, de *A Tarde*, e reproduzida no blog Zéducando, 2 jul. 2011.

Na já citada entrevista à *Folha*, em 2013, Wisnik fala categoricamente sobre seu interesse pelo jogador:

“Eu tenho uma fixação pelo Neymar. Eu o acompanhei praticamente jogo por jogo, desde o primeiro minuto em que entrou em campo. Sofro de perder um único jogo dele. Quero acompanhar e entender, agora, esse processo de adaptação ao Barcelona.” (KFOURI, J; BERTONI E., 2013).

Nesse momento, Wisnik mistura sua curiosidade, como ensaísta, pelo detentor do destino do futebol criativo, com sua paixão real pelo futebol, “sem afetações ou restrições moralistas”¹², que remete ao menino de São Vicente, torcedor do Santos. E a vontade de ver Neymar é “um desejo infantil, em vários sentidos da palavra, ligado à minha vinculação imaginária com o Santos como um clube lançador de grandes atacantes. Não preciso dizer que a relação com o futebol combina algo de adulto com infantil”.¹³ À época, novembro de 2013, Neymar estava há poucos meses atuando pelo Barcelona, depois de anos de protagonismo no futebol brasileiro, por mais tempo até do que se supunha — o principal jogador do país, e seu time, resistindo ao assédio dos poderosos clubes europeus. Ao comentar o impacto da transferência e a expectativa sobre o desempenho do atleta, Wisnik acaba por lapidar (abaixo, *grifado*) uma afirmação para separar o talento de Neymar de sua figura polêmica:

“Todas essas perguntas que se fazem: ‘Afinal, qual é o tamanho dele?’, ‘Ele é tudo isso ou não é?’, ficavam girando um pouco no vago. *Para quem gosta de futebol, e nesse caso é impossível não gostar dele*, é fascinante a novela da chegada ao Barcelona, e o modo como ele mesmo e as peças do grande time vão se reposicionar ou não no tabuleiro, com esse fato novo.” (KFOURI, J; BERTONI E., 2013).

Das polêmicas, dentro de campo, a mais marcante atribuída a Neymar é a fama de “cai-cai”, de simular faltas cometidas pelos oponentes (ou fazer crer que foram mais violentas), que o persegue muito antes de se tornar piada internacional na Copa do Mundo de 2018. Sem necessariamente absolver o craque brasileiro, Wisnik tem uma interpretação para esse dilema:

¹² WISNIK, 2008, p. 15.

¹³ KFOURI, J; BERTONI, E., 2013.

“[...] existe lugar ou não para o driblador num futebol que se tornou compacto, disputado com força física, atlética, em que o posicionamento coletivo é tudo, e a diferença individual passou a ser como que minimizada? Sobram essas anomalias, que são esses jogadores que têm esse alto poder de inventar e decidir. Isso vai ser ao mesmo tempo admirado e estigmatizado. O Neymar, por todas essas características, tem que atravessar isso.” (KFOURI, J; BERTONI E., 2013).

Driblar e inventar: duas qualidades atribuídas a Robinho em *Veneno remédio* (o “driblador-inventor”¹⁴) que, mais tarde, encontram Neymar... Na condição de craque solitário da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014, disputada no Brasil, Wisnik antecipou, em 2012, a preocupação com essa missão: “A glorificação frenética de Neymar, justificada pela excepcionalidade do jogador, disfarça uma ansiedade compensatória de fundo: ela esconde a falta de um patamar de jogo que o acompanhe”¹⁵. Essa dependência se tornou comoção nacional quando o jogador, contundido gravemente nas quartas de final do mundial, contra a Colômbia, estaria ausente pelo restante da competição. E a partida seguinte foi o fatídico 7 a 1 para a Alemanha, quando ele, involuntariamente, migrou do potencial papel de vilão para o de herói ausente.

“Neymar está descolado do nível geral do futebol brasileiro e acho sim que sua glorificação esconde uma ansiedade compensatória de fundo. Sem ele as coisas ficam bem sem graça. Seu lugar no panorama do futebol mundial está em construção, é fascinante e inquietante se perguntar aonde vai parar. Foi cruel vê-lo sair da Copa assim. Se havia um bode expiatório potencial para o caso do fracasso, segundo a lógica sacrificial do futebol e da mentalidade brasileira, era ele. Sem querer me repetir, sua figura ferida encarnava d. Sebastião em batalha, desaparecido do campo, mas preservado misteriosamente da desgraça explícita e ocupando mais ainda o lugar mítico do Desejado.” (MARSIGLIA, 2014)¹⁶.

Wisnik identifica outras duas “implosões psíquicas” do herói nessa guerra simbólica do futebol: as finais dos mundiais de 1950 e 1998. No caso da semifinal de 2014, escancara a dependência de Neymar como um “sebastianismo doentio, [que] é a crença na volta da entidade Futebol Brasileiro, como se este estivesse sempre pronto a

¹⁴ WISNIK, 2008, p. 385.

¹⁵ Artigo para *O Estado de S.Paulo*, 30 dez. 2012.

¹⁶ Entrevista para Ivan Marsiglia, *O Estado de S.Paulo*, 12 jul. 2014.

encarnar¹⁷.” Mesmo nessa crítica contundente à estrutura do futebol brasileiro, não deixa de, mais uma vez, reconhecer Neymar como detentor do destino do futebol criativo.

Quatro anos depois, na Copa de 2018, Neymar segue com o status de estrela solitária, apesar de contar com uma organização coletiva mais consistente, elaborada pelo treinador, Tite, chamado por Wisnik de “aglutinador” por destravar o futebol brasileiro:

“Francamente dependente de um Neymar enlouquecido pela missão delirante de ser salvador solitário da pátria, que perdia as estribeiras a cada partida, envolvendo-se em sucessivas confusões em campo, o futebol brasileiro vivia em estado de irreconhecível e catatônico travamento.” (WISNIK, 2018)¹⁸

Assistindo ao desfile de craques durante aquele mundial, Wisnik faz importante reflexão sobre a obsessão pelo prêmio de melhor jogador do mundo, troféu concedido pela Fifa (Federação Internacional de *Football Association*) anualmente para o atleta mais votado por treinadores e capitães de todas as seleções afiliadas e por jornalistas dos respectivos países. Apesar de o português Cristiano Ronaldo e o argentino Lionel Messi polarizarem a honraria ininterruptamente de 2008 a 2017, há uma pressão sobre o brasileiro “comprada” por ele mesmo e esperada por torcedores e imprensa. A próxima citação é mais longa, mas necessária, pois resume em Neymar a “síndrome do veneno remédio” (palavras de Wisnik¹⁹), e aqui o craque e a obra se encontram como linhas paralelas no infinito:

“Neymar parece ter dedicado sua carreira a perseguir o título oficial de melhor jogador do mundo. Não deveria. Melhor jogador do mundo alguém é, chega a ser, fica sendo, sem que anuncie, sem que se envolvam nisso o time, a seleção e a mídia na mira ou na miragem do projeto pessoal. Messi nunca disse que ia ser, e Cristiano Ronaldo sempre disse que já é. Fazer crer que vai ser é propagar uma armadilha para si mesmo. O grande desejo é um segredo precioso a ser preservado da sanha furiosa do mundo. Neymar é, sim, o jogador vendido pelo Barcelona ao Paris Saint-Germain pelo preço mais alto do mundo, está no epicentro do redemoinho de sua capitalização empresarial e publicitária e é, ao mesmo tempo, o jogador no mundo atual que mais tem espírito de amador, de peladeiro, o gosto pelo drible, a pulsão gratuita do jogo pelo jogo. Esse paradoxo diz ainda algo sobre nós, sobre o Brasil, sobre a

¹⁷ Coluna em *O Globo*, 12 jul. 2014.

¹⁸ Coluna na revista *Época*, 14 jun. 2018.

¹⁹ Entrevista a Uirá Machado, no podcast *Ilustríssima conversa*, 4 jul. 2018.

consequência e a in consequência nacionais. O futebol é de uma complexidade machadiana.” (WISNIK, 2018)²⁰

A segunda parte da definição, do peladeiro, do *poeta* da bola, justifica um lamento de Wisnik pelo fato desse desejo pela honraria roubar-lhe a lucidez em campo e tirar dele sua face encantadora. “Sou torcedor santista desde criancinha e acompanho a carreira de Neymar desde seu primeiro minuto em campo. Para mim, ele é um dos motivos de alegria no mundo”.²¹

Chegado o momento de Neymar tornar-se meme na internet por rolar sucessivamente em campo após sofrer faltas, Wisnik reflete sobre a “zona cinzenta” dos choques inevitáveis entre defensores e atacantes — mais uma prova de sua disposição em analisar o futebol e suas metáforas de dentro para fora. Sem necessariamente absolver Neymar, mais uma vez exalta sua preferência em *elipsar* o jogo:

“Neymar é sabidamente o alvo mais visado, por buscar sistematicamente, como pouquíssimos, o drible em velocidade, o chamado ‘um contra um’, a criação de espaços imprevisos, além de não abdicar, por puro prazer instintivo, do lance ornamental e do efeito lúdico. Nesta Copa, ele é reconhecido pelos números como o jogador que mais dribla, que mais finaliza e que mais recebe faltas. Trata-se, com isso, da guerra visível e invisível entre o atacante que busca sair do ramerrão do jogo e dos passes laterais monótonos e os zagueiros que estão ali para impedi-lo. [...] no episódio polêmico contra o México [...] Neymar, sabendo que o ataque era visível e filmado, procurou provocar com isso a expulsão do defensor mexicano, mas com uma exibição histriônica que não deixa de ser mau teatro de antiga luta livre. Minha crítica ao jogador, nesse lance, é menos moral — como daquelas vozes que se levantam indignadas contra o ‘falsário constrangedor’ — do que prática e estética: é uma atuação arriscada, desnecessária e de mau gosto, mas que não se repetiu durante esse jogo. O fato é que Neymar paga o preço, no futebol atual, de encarnar uma figura raríssima: a do fintador. Fintar é uma palavra da mesma raiz de fingir.” (WISNIK, 2018)²²

Finalizada a competição, na qual o Brasil sucumbiu ainda nas quartas de final, Wisnik concluiu que a Copa de 2018 foi uma espécie de “oráculo” sobre o estado atual do mundo, pedindo a modéstia que consagrou o “discreto, antiestelar, eficaz e recatado”²³

²⁰ Coluna na revista *Época*, 14 jun. 2018.

²¹ Coluna na revista *Época*, 14 jun. 2018.

²² Coluna na revista *Época*, 5 jul. 2018.

²³ Coluna na revista *Época*, 19 jul. 2018.

Modric como craque do certame. Ao exibicionismo de Neymar, vigiado pela tecnologia em seu apogeu, sobrou:

“[...] algo penoso: quando cola em alguém um estereótipo, o do simulador, em pequena parte justificado (a das aparências) e em grande parte injusto. [...] O pecado de Neymar, do qual ele terá de dar a volta por cima, é fazer teatro, um gênero anacrônico quando se está na mira de 32 câmeras de televisão e de bilhões de olhos do mundo.” (WISNIK, 2018)²⁴

A teatralidade e o exibicionismo de Neymar o colocam como “dono do bola”, em oposição aos “donos do campo”, dicotomia também explorada em *Veneno remédio*, a partir de reflexão original de Chico Buarque: os garotos europeus privilegiam o domínio do espaço (os equilibrados) e os garotos imigrantes e latino-americanos se apegam à bola esbanjando perícia (os equilibristas) — modelo parecido com a *prosa* e a *poesia* de Pasolini, antecedido ainda, de certa forma, por Gilberto Freyre, que diferenciou o *futebol força* europeu do *futebol arte* brasileiro praticado por “bailarinos da bola”. Talvez o degrau acima que Neymar busca dependa de temperar seu lado equilibrista (virtuoso, excessivo, malabarista) com o lado equilibrado, uma boa pitada de “dono do campo”²⁵. Com o que Wisnik poderia concordar a partir de suas próprias palavras: “Quando bem jogado, o futebol continua a se aproximar de um outro gênero reflexivo, que ele frequenta desde algum tempo: uma espécie de prosa ensaística cujo tema ou horizonte é a poesia, nem sempre alcançável”²⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Veneno remédio é uma obra que oferece uma lupa para compreender o futebol, sobretudo no Brasil, não somente até sua publicação, mas o que veio depois. Já seria possível deduzir onde Neymar, o maior jogador do país desde então, se encaixaria em suas teorias. Mas desde então, José Miguel Wisnik forneceu inúmeras reflexões sobre o atleta, em artigos e falas de igual riqueza (que este trabalho se esforçou em reunir), como se fossem um apêndice da obra, ajudando na elaboração desse complexo personagem que,

²⁴ Coluna na revista *Época*, 19 jul. 2018.

²⁵ MARQUES, 2017.

²⁶ WISNIK, 2008, 158.

além de carregar o destino do futebol criativo (como se fosse o cálice da identidade nacional), é segundo ele “a condensação de todas as ambivalências brasileiras”.²⁷

REFERÊNCIAS

BORGES, K. Neymar é um Baudelaire. **A Tarde**. Salvador, 2 jul. 2011. *In*: Zéducando. Reprodução do texto disponível em: <https://joserosafilho.wordpress.com/2011/12/03/neymar-e-um-baudelaire/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, 17 jun. 1938.

ILUSTRÍSSIMA CONVERSA: Brasil vive em queda de braço entre jogo eficiente e futebol-arte, diz Wisnik. [Locução de]: Uirá Machado. [S.I.]: Ilustríssima Conversa, 4 jul. 2018. *Podcast*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/07/brasil-vive-em-queda-de-braco-entre-jogo-eficiente-e-futebol-arte-diz-wisnik.shtml>. Acesso em: 10 ago. 2021.

KFOURI, J; BERTONI, E. Timbre inventivo da seleção renasceu das cinzas com Felipão, diz José Miguel Wisnik. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 17 nov. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2013/11/1372304-entrevista-wisnik.shtml>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MARSIGLIA, I. Complexo de D. Sebastião. **O Estado de S.Paulo**. São Paulo, 12 jul. 2014. Disponível em: <https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,complexo-de-d-sebastiao,1527395>. Acesso em: 10 ago 2021.

MARQUES, J. C. “Donos do Campo” e “Donos da Bola”: o dilema de Neymar. *In*: Ludopédio. **Arquibancada**. São Paulo, 14 dez. 2017. Disponível em: <https://ludopedio.com.br/arquibancada/donos-do-campo-e-donos-da-bola-o-dilema-de-neymar/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

PASOLINI, P. P. O gol fatal. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 6 mar. 2005. Tradução: Maurício Santana Dias. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0603200506.htm>. Acesso em: 10 ago. 2021.

WISNIK, J. M. A Copa como oráculo. **Época**. São Paulo, 19 jul. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/a-copa-como-oraculo-22900771>. Acesso em: 10 ago. 2021.

WISNIK, J. M. A mania do melhor do mundo. **Época**. São Paulo, 21 jun. 2018. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/esporte/noticia/2018/06/mania-do-melhor-do-mundo.html>. Acesso em: 10 ago. 2021.

²⁷ Entrevista a Uirá Machado, no podcast *Ilustríssima conversa*, 4 jul. 2018.

WISNIK, J. M. **José Miguel Wisnik**: Sobre Futebol. [São Paulo]: Escola da Cidade, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xPLR1ang0EE>. Acesso em: 10 ago. 2010.

WISNIK, J. M. O exoesqueleto do Hexa. O Globo. Rio de Janeiro, 12 jul. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/o-exoesqueleto-do-hexa-13227964>. Acesso em: 10 ago. 2010.

WISNIK, J. M. O fintador e o fingidor. **Época**. São Paulo, 5 jul. 2018. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/esporte/noticia/2018/07/o-fintador-e-o-fingidor.html>. Acesso em: 10 ago. 2021.

WISNIK, J. M. Tite, o aglutinador. **Época**. São Paulo, 14 jun. 2018. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/esporte/noticia/2018/06/tite-o-aglutinador.html>. Acesso em: 10 ago. 2021.

WISNIK, J. M. Um espectro à procura da bola. **O Estado de S.Paulo**. São Paulo, 30 dez. 2012. Disponível em: <https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,um-espectro-a-procura-da-bola-imp-,978982>. Acesso em: 10 ago. 2021.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.